

POSITO LEGAL
14 JUN 1969



êreio do funchal

DOMINGO, JUNHO 8, 1969 ano XXXIII — II série n.º 2018
João Carlos Eiras da Veiga Pestana redacção e administração: Aven. ... 480
Comp. e Imp.: Tipografia Minerva, rua dos Netos 20 — Telef. 22661 VISADO PELA CENSURA

Patriotismo e patriotice

NUM jornal da capital escrevia-se, há pouco tempo, o seguinte: «...ficou-nos o conceito (...) de que o estrangeiro é um ser superior que merece as nossas vénias, o nosso respeito e, sobretudo, que façamos o pino para lhe agradar. Este complexo que nos consome reflecte-se em quase todos os aspectos da vida nacional, sendo-lhe atribuíveis atitudes aparentemente dispares que, no fundo, não passam de ecos deste temor de sermos inferiores que não há meio de nos largar e que nos leva, mesmo, a tomar atitudes realmente inferiores. Exemplos? Os «complots» internacionais que inventamos para justificar as afirmações permanentes de patriotismo, a importância que damos a vitórias desportivas que não têm importância nenhuma, a convicção que desejaríamos ter de que a nossa paisagem é mais bela do que a dos outros ou de que os estrangeiros ficam deslumbrados connosco ou, ainda, de que temos uma história qualitativamente única...»

TAL temor — a que, usando uma expressão do grande Eça, poderíamos chamar de «patriotice» — é uma das características de um subdesenvolvimento que determina uma mentalidade. E esse subdesenvolvimento mental exerce-se de duas formas: uma activa, utilizando a especulação patriótica (através da glorificação de um passado que se pretende ressuscitar) e outra passiva, que consiste na aceitação desse tipo de exercício especulativo ou em fingir aceitá-lo.

SE a especulação patriótica é uma atitude calculada para extrair certos efeitos (e proveitos) — a aceitação de tal «patriotice» faz-se à custa

da ignorância, que é assim explorada (e que o expraiar «patrioteiro» ajudará a crescer, na medida em que valoriza o que é aparente para deixar em suspenso o que é real). Donde resulta, pela resistência a tudo o que é progressivo que a «patriotice» encerra, um sentimento geral de impotência e incapacidade, face aos que visitam o nosso mundo acanhado — pela comparação inevitável entre o que somos e o que os outros são, entre o que temos e o que os outros têm.

Vemos, assim, como a especulação patriótica, ao recusar a valorização do homem e do meio que o cerca, age realmente como anti-patriotismo — na medida em que o patriotismo se preocupa mais com o progresso do que com a estabilidade-estagnação, com o futuro do que com a exaltação do passado. Ora, remeter a vida dos povos para a preocupação do passado, representa coartar-lhes a confiança em si próprios e amortecer-lhes as possibilidades criadoras. (Ou o ter de canalizá-las para questões periféricas como as atrás apontadas).

DONDE resulta que só o patriotismo (firmado no optimismo perante o futuro e na exaltação das potencialidades criadoras da colectividade) pode fazer desaparecer o complexo de que o articulista do nosso colega da capital falava — na medida em que o homem da rua acreditar em si como cidadão e na comunidade como o conjunto de vontades capazes de atingir metas até então julgadas inacessíveis (ou acessíveis só aos outros).

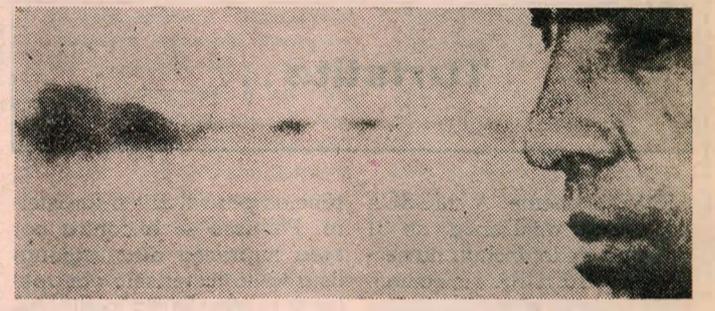
O primeiro passo do patriotismo deverá ser dar à colectividade o optimismo que só um patriótico projecto colectivo pode solidificar em bases correctas.

ARGENTINA — a igreja dividida

PERISCÓPIO

pag. 6

FRANÇA: uma política selectiva da imigração



TURISTITE... — AQUI E AGORA pag. 2

No inquérito à situação teatral portuguesa

depõem elementos do teatro universitário



Livres opiniões

O CENTRO
ACADÉMICO
DO FUNCHAL
EM QUESTÃO

José Cardoso Pires entrevistado para cf



«Da mesma maneira que se diz que os escritores e intelectuais portugueses se desligaram do povo (aceitando o termo) também se pode dizer o mesmo em relação a todas as outras profissões. Os escritores portugueses são, por circunstâncias conhecidas, aqueles que mais dificuldades têm tido no seu trabalho, sendo considerados uns párias da sociedade, uns agentes de demolição. No entanto você não encontra escritores de extrema direita — à parte um Domingos Monteiro, uma Augustina Bessa Luís, um Joaquim Paço de Arcos, um Tomás de Figueiredo, um Orlando Vitorino (mas o Orlando Vitorino não é escritor). De qualquer modo eles dizem que o não são apesar de terem agido como elementos provocadores dentro da Sociedade de Escritores. Eles dizem-se independentes. Aqui não há nenhum intelectual com coragem de se dizer das direitas.»
(Declaração de Cardoso Pires na entrevista hoje publicada).

FOGÕES JUNEX

em Loja Clemente e Casa das Balanças

JOSÉ CARDOSO PIRES:

«Não acredito nos resultados práticos de um autor que se preocupa em escrever para as massas»

Entrevista de FERNANDO DACOSTA para **cf**



Na sua casa, primeiro, e no gabinete da sua editora depois, José Cardoso Pires recebeu-nos por várias vezes, demoradamente, para esta entrevista (difícil mas esclarecedora) em que revela ideias pouco conhecidas — e hoje muito importantes para a sua definição dada o lugar que ocupa na actual literatura portuguesa.

● Fernando Dacosta — Os nossos escritores e intelectuais são acusados de se terem desligado do povo e de não abordarem os grandes problemas de hoje...

José Cardoso Pires — Bom, isso de se dizer que os escritores e intelectuais portugueses estão desligados do povo, é uma coisa bastante abstracta. O que é o povo? Para mim é o sector da sociedade historicamente mais representativo. Mas para mim, neste momento, tanto aqui como lá fora o sector mais representativo não é, propriamente, o formado pelo camponês nem pelo operário porque eles não têm agora o mínimo de força para serem representativos; estão à margem do indispensável estatuto para isso. Eles não dispõem de força nem de protecção partidária. Portanto, toda a representatividade foi concentrada fundamentalmente numa burguesia descontente e transitória — que é a nossa.

classes que representam classicamente o «devir histórico». Até há 20 anos, ou menos, elas foram formadas pelos camponeses e operários, mas nos países de consumo, sobretudo nos países de alto consumo, as classes proletárias acabaram por ser absorvidas pela máquina. Quer dizer, a organização social é de tal ordem que o operário foi perfeitamente aburguesado desenvolvendo-se nele o mesmo espírito de consumo através de possibilidades que lhe foram dadas e que o neutralizaram da sua luta, ou tentam neutralizar.

«OS ESCRITORES PORTUGUESES SÃO CONSIDERADOS UNS PÁRIAS, UNS AGENTES DE DEMOLIÇÃO»

«Em relação aos estudantes, por exemplo, a esquematização é diferente. Não é por acaso que o primeiro país a fazer uma rebelião a sério de estudantes foi os Estados Unidos e não uma França ou uma Alemanha — e isso por causa do Vietnam. Do Vietnam, sublinhei. O estudante que lhe está sujeito, como o norte-americano, a qualquer altura, criou uma disposição especial, um estado de espírito característico. É evidente que para essa sua resistência conta também a insatisfação dada pelos quadros antiquados de ensino, de vida familiar, pelos conceitos vigentes de moral, de moral sexual, etc., etc.

escritores e intelectuais norte-americanos sobre o Vietnam. O que acontece é que tudo é relativo.

«Da mesma maneira que se diz que os escritores e intelectuais portugueses se desligam do povo (aceitando o termo) também se pode dizer o mesmo em relação a todas as outras profissões. Os escritores portugueses, são por circunstâncias conhecidas, aqueles que mais dificuldades têm tido no seu trabalho, sendo considerados uns párias da sociedade, uns agentes de demolição. No entanto você não encontra escritores de extrema direita — à parte um Domingos Monteiro, uma Augusta Bessa Luís, um Joaquim Paço de Arcos, um Tomás de Figueiredo, um Orlando Vitorino (mas o Orlando Vitorino não é escritor). De qualquer modo eles dizem que o não são apesar de terem agido como elementos provocadores dentro da Sociedade de Escritores. Eles dizem-se independentes. Aqui não há nenhum intelectual com coragem de se dizer das direitas.

«À parte essas excepções mínimas, acontece que desde 1945 pelo menos, não houve nenhuma acção profunda em que os escritores não estivessem ao lado das massas. Que não exerceram uma acção tão directa quanto seria de desejar, é verdade, mas eles também não têm aqui o eco interno que têm os escritores de lá de fora. Quantas pessoas lêem. Meia dúzia! Mesmo nas faculdades, quem é que lê? Não há, portanto, esse prestígio, esse eco do escritor. Tal divórcio

massa de leitores virtuais que foram pouco a pouco absorvidos e desviados. Isso passou-se de uma maneira muito simples e curiosa:

«QUANDO QUEREM BATER NUM ESCRITOR CHAMAM-LHE NEO-REALISTA. COM ISSO QUEREM CHAMAR-LHE PRIMÁRIO, ANALFABETO, DEMAGOGO, COMUNISTA»

em 1945 apareceu aqui um movimento que se chamou neo-realismo. Era um movimento de ideologia progressista com os seus defeitos e qualidades. Pois identificou-se imediatamente neo-realismo com comunismo. Hoje acontece que quando os indivíduos das direitas querem bater num escritor chamam-lhe neo-realista — com isso querem chamar-lhe primário, analfabeto, demagogo, comunista. Os quatro casos, sempre. É evidente que se eu perguntar a esses indivíduos o que é o neo-realismo eles não sabem. É muito difícil definir um escritor neo-realista. O que é um escritor neo-realista? Quantos há? Eu, concretamente, conheço dois: Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes. Depois, os outros, que são? Os outros são escritores com uma consciência de classe ou com uma consciência de repúdio de classe, que é diferente. Com uma consciência reformista ou com uma consciência revolucionária, isso é outra questão. Mas há escritores

há uma unidade de espírito, de pensamento, de princípios estéticos. E pegar nos escritores neo-realistas e ver como são todos diferentes uns dos outros — isto admitindo que haja mais de dois escritores neo-realistas em Portugal.

«No fundo isto é provocado por uma burguesia que se está a defender, que gosta mais de uma literatura pseudo-interiorista do que de uma literatura de acção directa ou indirecta.

«Refere depois na sua pergunta os grandes problemas de hoje... Ora os grandes problemas de hoje para um escritor português, são os problemas portugueses. Mas os problemas portugueses foram todos abordados, penso eu, melhor ou pior, na ficção. Existe toda uma literatura profundamente debruçada sobre a situação do campesinato e da agricultura em Portugal, existe uma literatura que fala no desabrochar industrial, existe uma literatura larga sobre o esboramento da burguesia, a alienação da burguesia, etc.

«NOS LICEUS E FACULDADES A LITERATURA É ADMINISTRADA SEMPRE NUMA BASE NEGATIVA, PARALISANTE»

● F. D. — A que se deve o facto de as suas obras não chegarem, de uma maneira geral, ao povo, às camadas que podem ler...?

J. C. P. — Deve-se ao poder de compra, em primeiro lugar; em segundo à ausência de motivações de leitura. Por exemplo, toda a universidade (em relação à literatura) é feita de coisas mortas, de literatura morta. Há um sentido historicista na universidade portuguesa que lhe dá uma orientação estática. Daí que os nossos escritores, os nossos intelectuais, colocados numa situação marginal, em vida, são enaltecidos depois de mortos como sucedeu ao António Sérgio, por exemplo. Porquê? Porque já morreram, já estão estáticos. Há uma recuperação pós-mortem.

«Nos cursos técnicos verifica-se uma política mais transigente porque mais compensadora. Trata-se de quadros imediatamente utilizáveis, percebe? Em relação às disciplinas humanísticas existe na universidade um comportamento de recuo. Toda a cultura administrativa nela é dirigida segundo um



JOSÉ CARDOSO PIRES e FERNANDO DACOSTA: Há toda uma situação orientada e determinada no sentido de restringir a literatura.

«NOS PAÍSES DE ALTO CONSUMO O OPERÁRIO FOI PERFEITAMENTE ABURGUESADO»

«Por diversas circunstâncias não existe aquilo a que se poderiam chamar as classes populares, as

«Mas voltando à sua questão do afastamento (ou não) dos intelectuais em relação ao povo, é um bocado difícil responder porque você parte de uma afirmação. Por mim, tenho dúvidas sobre a validade dessa afirmação. Admito, evidentemente, que os escritores e intelectuais portugueses não têm exercido uma acção engajada, e não têm tomado determinadas atitudes como tomaram, por exemplo, os

foi conseguido e provocado ao longo de muitos anos devido a um trabalho muito bem feito. Veja-se, por exemplo, a manobra de bestialização empreendida pela Rádio Televisão Portuguesa em relação à literatura. Há toda uma situação orientada e determinada no sentido de restringir a literatura.»

«Em consequência de semelhante procedimento houve uma grande

consciência revolucionária que não são comunistas ou socialistas, caso do Norman Mailer. Entramos, portanto, numa tal baralhada que se fica com a ideia de ser tudo um preconceito forjado a que certas pessoas aderiram.

«É muito curioso, por exemplo, pegar na Presença e ver os escritores que ela deu e como todos eles batem na mesma tecla. Como



conclusões

«Em Portugal, a mulher evoluiu mais do que o homem» — afirma JOSÉ CARDOSO PIRES

PAG. 7

conceito de estabilização da história. Portanto fala-se de uma literatura de mortos, pára-se nos autores contemporâneos porque são personagens de quem se não gosta porque propõem uma discussão a outro nível. É muito mais fácil discutir Padre António Vieira (porque já se sabe tudo a respeito dele, e porque já lá vai) do que discutir a influência de um romancista contemporâneo que está vivo, com os escritores que tem e com as acções que praticou — e que estão na memória das pessoas. Isto somado aos factos políticos que se praticam na Universidade faz com que a literatura ali consentida seja uma literatura fossilizada. Uma das razões fundamentais do desinteresse das camadas jovens pela literatura é que nos liceus e nas faculdades ela é administrada sempre numa base negativa, paralisante.

● F. D. — Como escreve?

J. C. P. — Muito irregularmente. Nunca fui capaz de trabalhar em fins de semana. Normalmente vou para fora, para casa de amigos (sul de Espanha ou Azenhas do Mar) porque não tenho dinheiro para alugar uma casa de campo. Escrevo aos vinte dias seguidos e depois volto.

«Não sou capaz de escrever uma coisa e publicá-la logo a seguir. Necessito de a guardar durante anos na gaveta. Neste momento, por exemplo, tenho três romances escritos na primeira fase, mas não faço ideia quando sairão. Não gosto de falar de projectos.

«Cada pessoa escreve para si, fundamentalmente. E escreve para o leitor ideal, um leitor que está dentro de margens próximas das dele. Isto enquanto escritor de ficção, enquanto criador. Mas eu entendo que a função do romancista não é meramente a de escrever romances. É, antes do mais, uma função de intervir a vários níveis. Por isso não acredito nos resultados práticos de um autor que se preocupa em escrever para as massas. Isto porque a literatura de ficção não tem uma acção catequizadora, didáctica, penso eu. A literatura de ficção é um elemento à margem, é uma forma de expressão mais indirecta que chega a determinados resultados por uma via muitíssimo subtil, que não tem nada a ver com o panfleto.

«Por outro lado, um romancista não pode ficar alheio à sua condição de responsável dentro de uma sociedade. Tem que tomar partido. Mas esse partido terá de ser

situado em relação a problemas concretos das grandes massas — mas não no romance. O que o escritor deverá fazer é dirigir-se directamente às pessoas sobre determinados problemas, como acontece lá fora com um Sartre ou com um Mary MaCarthy, entre outros.

● F. D. — Que lhe parecem os nossos escritores jovens?

J. C. P. — Mas não têm surgido escritores jovens entre nós, penso eu! E isso é muito importante e significativo. Se um país tem escritores novos isso quer dizer que esse país gasta literatura. Entre nós a última revelação na prosa foi o Almeida Faria. Depois dele não vejo quem se destaque. Não há actualmente em Portugal um grupo de nomes que sejam uma esperança. Isso vem por muitas razões, vem pela rigidez dos condicionamentos ligados à informação, vem por não existirem praticamente folhas literárias típicas de jovens, nem movimentos, nem publicações ou clubes, vem porque a faculdade é adversa à literatura, e vem até pela própria ideia que se forma muitas vezes entre a juventude de que a ficção é subsidiária, que é um género ultrapassado, que o documento sociológico a ultrapassou.

«Depois há uma grande crise de compra e os editores não se arriscam. Por sua vez não existem estímulos como prémios literários, bolsas, etc. Tudo isto resumido provoca um alheamento, um desencorajamento do escritor jovem, em potência, em relação às possibilidades de se manifestar, de se pôr à prova. E uma sociedade que não tem escritores jovens não pode ter escritores maduros.

● F. D. — Quer dizer, há 20 anos atrás havia mais facilidades para um novo...

J. C. P. — Havia pelo menos um maior movimento associativo. Era o fim da guerra, tudo estava em explosão... o custo das edições encontrava-se a uma escala mais acessível. Por outro lado não havia a crise que se está a esboçar por toda a parte em relação ao romance. Hoje discute-se, por exemplo, em todo o mundo a subsistência ou não deste género literário. A polémica atingiu também a chama da província portuguesa e perturbou uma série de elementos que se interessavam pela ficção e que agora procuram nos livros de sociologia e de história a explicação

da sociedade em que vivem. Só que há aí uma grave lacuna. É fundamental, é imprescindível saber-se o que se passou, por exemplo, em Maio de 68 em Paris; é essencial para a cultura saber-se o que é uma sociedade fechada, o que é uma sociedade aberta. Mas nada disso dispensa que se leia o que se passa cá. E sem essa informação nacional a coisa não resulta, na minha opinião.

«Então o que acontece é que a ausência de trabalhos sobre os problemas mais importantes da vida e da colectividade portuguesas desfoca, sem se querer, uma grande massa de leitores do seu próprio problema e dá-lhes uma óptica distorcida.

● F. D. — Encontra nas últimas gerações as mesmas características machistas, machistas, que encontrou nas anteriores — e revelou para a literatura?

J. C. P. — Penso que enquanto o estatuto da propriedade estiver como está e o conceito actual de autoridade se mantiver nestes moldes, enquanto a mulher continuar na situação em que se encontra (um pouco melhor do que há 20 anos) naturalmente que o machismo continuará.

«Parto do princípio que as características machistas, machistas e paternalistas permanecerão de geração em geração, de pais para filhos. Esses machismos encontram-se no Brasil, na Espanha (menos na Espanha do que aqui) e em todos os países onde impera a civilização paternalista.

«A medida que a liberdade da mulher se for alterando e representando alguma coisa de concreto na sociedade portuguesa, esse resquício medieval irá desaparecendo.

«Segundo estudos de sociologia (dos poucos que se fazem entre nós) a mulher em Portugal evoluiu mais do que o homem nestes últimos 20 anos. Ela assumiu um tipo de independência de superfície que lhe foi sugerido por muitas coisas entre as quais a necessidade de consumo. Dai veio, talvez, um desfazamento entre um comportamento tradicional do homem, nas classes jovens, reativamente à evolução brusca do comportamento feminino. Todas aquelas normas de convívio criaram uma crise. Houve como disse um desfazamento entre uma mulher que apesar de tudo evoluiu e um homem (o português) que apesar de tudo se mantém agarrado a estatutos antigos.